

**AS ARQUITETURAS DO FANTÁSTICO: PARA SE LER
INTER-SEMIOTICAMENTE A OBRA
DE MURILO RUBIÃO**

Raul de Souza PÜSCHEL¹

Como em uma outra obra, daquela vez sobre Clarice Lispector e a pintura, Ricardo Iannace, em *Murilo Rubião e as Arquiteturas do Fantástico* (Edusp), estabelece, com muita habilidade, mais uma leitura inter-semiótica. Agora, desta feita, articula uma interação entre Murilo Rubião, a literatura fantástica, a arquitetura e outros sistemas sígnicos.

Diz Iannace ter escolhido um corpo teórico que espreitasse “o indivíduo em contexto espacial de notória tensão” (p. 20). Também não deixa de apresentar e discutir brevemente estudos importantes do que veio a ser a fortuna crítica atinente ao trabalho de Rubião, como os ensaios de Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Mário de Andrade, Antonio Candido, Jorge Schwartz, Davi Arrigucci Jr, entre outros. Depois de trafegar rapidamente pelos críticos iniciais de Rubião, Iannace relata as linhas de estudos e os eventos que repercutiram o trabalho do autor de *O Pirotécnico Zacarias*.

São estudados, assim, cinco contos de Rubião: “O edifício”, “O bloqueio”, “O homem do boné cinzento”, “A armadilha” e “A diáspora”. As análises ganham dimensão e densidade com estudos comparados que não se limitam ao trabalho fronteiro da obra de Murilo Rubião com outros autores de ficção como Borges e, principalmente, Kafka. Vão muito além. Aparecem diálogos expressivos com obras de cinema, quadros, fotografia, além da *Bíblia* e de *As Mil e uma Noites*, obras essas que influenciaram Rubião quanto ao gosto pelo extraordinário e por aquilo que tem um insólito desdobramento.

¹ Professor titular aposentado do IFSP-SPO e Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP).
Endereço eletrônico: puschel@uol.com.br

Tudo é governado, de certa forma, pela ideia do uso do espaço enquanto construção, imaginada sob paradigmas que extrapolam a lógica mais comezinha, daí a segunda parte do título da obra: “As arquiteturas do fantástico”.

Inicia Ricardo Iannace seus estudos mais cerrados da obra do autor mineiro explorando o signo babélico do conto “O edifício”. Após um diálogo com um conto de Borges, passeia por um espaço icônico-constutivo. São, com o conto de Rubião, confrontadas a fotografia de Charles Ebbets, “Almoço no topo de um arranha-céu”, a tela de Léger, “Os construtores”, bem como trabalhos pictóricos de Bruegel, Doré, Sônia Menna Barreto e M. C. Escher. Os intertextos inscrevem-se sob a forma do “trompe l’oeil”, de um confundir o olho, feito uma armadilha de ambiguidades visuais.

Estabelece Iannace a seguir confrontos entre “A construção”, de Kafka, e “O bloqueio”, de Rubião, mas estuda ainda a tradução inter-semiótica desta última narrativa feita por Cláudio Oliveira, em que há alteração do ponto de vista da terceira para a primeira pessoa, bem como o deslocamento da epígrafe bíblica. Também Iannace põe lado a lado o conto “O bloqueio” e os filmes *O homem-mosca*, de Harold Lloyd, e *Um corpo que cai*, de Hitchcock, filmes esses que são anteriores cronologicamente às obras do contista.

Aliás, as epígrafes bíblicas, retornando à questão, sempre merecem discussão quando se estuda o trabalho de Rubião. É o que também faz o autor da obra, aqui resenhada, ao se voltar com cuidado e atenção a Daniel 4:1, para discutir “O homem do boné cinzento”. Mas como Iannace se revela um comparativista – e mais ainda um inter-semiotista – a seguir aparecem diálogos com os quadrinhos que “traduzem” *O homem invisível*, de H. G. Wells, com *Janela indiscreta*, de Hitchcock, e com os quadrinhos de Fabiano Barroso e Piero Bagnariol sobre o conto aqui referido de Rubião.

Em relação à análise de “A armadilha”, os diálogos se dão com os quadros de Edward Hooper. Percebe-se, à luz do filósofo Derrida, que os contos de Rubião se fundem ao inaudito, ao desestabilizador, se forem seguidos os parâmetros do mundo concreto.

O fantástico, para Irène Bassière, coadunando com o que foi dito, impõe a indeterminação, pois colocaria em ação elementos e dados contraditórios. E, como não

poderia deixar de ser, a análise deste conto de Rubião termina com um confronto com outro texto de Poe, “O barril de Amontillado”.

O conto “A diáspora”, por sua vez, é estudado à luz de teorias de desterritorialização e reterritorialização, como as de Deleuze e Guattari. Como diz Iannace, “o espaço recebe de fato atenção privilegiada na obra de Murilo Rubião” (p. 140).

Não caberia fazer um apanhado ainda maior e mais pormenorizado deste ensaio, tão cuidadoso em sua dimensão gráfica e formal, quanto também em relação ao conteúdo. Vale a pena lê-lo e verificar como o autor, com leveza e precisão, aqui dialoga e percorre, ao longo de 174 páginas, as arquiteturas do fantástico de Murilo Rubião. Leitura que se mostra, amplamente, interessante e sugestiva.